

“Lenta recuperação da economia”

Brasil

Em julho, sinais promissores

Da sucursal do
RIO

O presidente em exercício da Confederação Nacional da Indústria, Mário Garnero, revelou ontem que foram detetados em julho “algunas sinalizações promissoras” de recuperação do setor, sob o ponto de vista de melhora da utilização da capacidade instalada da indústria, “com um ligeiro decréscimo de desemprego e uma certa perspectiva de ativação”. Após informar que, em São Paulo, o nível de desemprego decresceu, de 7,1% para 5,25%, atribuiu parte dessa recuperação “ao alerta” que a CNI fez, há pouco mais de um mês, ao governo, sobre a necessidade de se encarregar o combate à inflação como o grande problema nacional.

“Isto, sem dúvida, parece ter contribuído para que tivéssemos um melhor resultado em julho. A inflação tem de ser enfrentada pois é ela que está causando todos os nossos problemas de desconforto”, observou Garnero. Ele fez questão de deixar claro que “houve apenas um certo alívio, que não é total”, reiterando a “necessidade de se criar uma consciência nacional” para que a inflação no País não se situe acima de 20% da inflação mundial.

“Também não vejo necessidade de apelarmos para uma recessão dirigindo, antes, todos os esforços no sentido de

promover um combate seletivo à inflação”, acrescentou Garnero, para quem, igualmente, “não se justificaria uma política de retorno ao controle de preços, que não deu certo em nenhuma economia do mundo”.

INTEGRAÇÃO

Ao confirmar a criação do escritório da CNI, em Washington, cuja chefia será entregue ao engenheiro José Mário Fontes, afirmou Mário Garnero que ele procurará, essencialmente, integrar no intercâmbio comercial entre o Brasil e os Estados Unidos as centrais de compra junto ao governo americano. Essas centrais, com um volume da ordem de US\$ 50 bilhões anuais, “representam um cliente potencial da maior importância, e não recorde de ter visto, no Brasil, nenhuma iniciativa no sentido de agregá-las ao comércio bilateral”. “O escritório, que funcionará como um núcleo operacional da CNI, em conjunto com as confederações nacionais da agricultura e do comércio, trabalhará entrado com o governo e representará, na verdade, uma contribuição modesta da iniciativa privada para conquistar o objetivo nacional de ter, no mínimo, US\$ 3 bilhões anuais de saldo na nossa balança comercial”, disse.

Mário Garnero está convencido de que, na questão do contencioso Brasil/Estados Unidos, o escritório desempenhará um papel relevante.

Da sucursal de
BRASÍLIA

O Banco Central considerou, em seu informativo mensal de agosto, a queda de 3,4% na produção industrial do primeiro semestre deste ano, em relação ao mesmo período de 1981, prova da “lenta recuperação do nível da atividade econômica”, ao ressaltar que, na mesma comparação, em janeiro e fevereiro, a retração das indústrias chegou a 13,6%.

Embora ainda persistam as taxas negativas, o Banco Central observou que a indústria de transformação como um todo revelou, de janeiro a junho último, “desaceleração em seu ritmo de queda”, com o fechamento do semestre com os índices negativos de 3,7% e 9,9%, para os indicadores acumulados e de 12 meses.

Por categoria de uso, as indústrias de produtos farmacêuticos e de tecidos de algodão foram as grandes responsáveis pelo crescimento no semestre de 1,3% na produção de bens de consumo não-duráveis, enquanto a queda na fabricação de aparelhos de TV em preto e branco e de carros de passeio explicam a retração de 1,6% no segmento de bens de consumo duráveis, com a pressão significativa da redução de 18,2% na produção de caminhões.

Para a queda de 4,3% no semestre

dos bens intermediários, o Banco Central citou o desempenho negativo das indústrias de açúcar cristal e de ferro e aço fundido em forma e peças. O fator mais positivo na indústria ficou mesmo com a elevação de 20% na produção interna de petróleo, com o total de 7,19 milhões de metros cúbicos, e o aumento da participação do óleo nacional para 21,7% no total refinado. A produção de borracha também cresceu 4,8% e atingiu 110,2 mil toneladas, no primeiro semestre deste ano.

IMPORTAÇÕES

A permanência de taxas negativas de crescimento industrial constituiu causa e efeito da queda de 13,4% nas importações do primeiro semestre deste ano (quando atingiram US\$ 9,67 bilhões), em comparação com o mesmo período de 1981. Também o petróleo bruto foi fator fundamental para esse resultado, com a redução das compras externas de US\$ 5,22 bilhões, em 1981, para US\$ 4,78 bilhões, nos seis primeiros meses deste ano.

Outras quedas significativas nos valores de importação foram alcançadas nos bens de capital — menos 17,6%; máquinas e material elétrico -4,4%; produtos químicos -25,1%; fertilizantes -37,8%; ferro fundido e aço -3,1%; metais não-ferrosos -35,7% e cereais — redução de 33,1%.